

O EROTISMO NA LITERATURA FEMININA

Regine Limaverde

O que é erótico? Seria o mesmo que pornográfico? Ora, dizer algo com erotismo não é o mesmo que fazê-lo com pornografia. A palavra erótico vem do grego *erotikós*, e tem o significado de relativo ao amor, inspirado pelo amor, ao passo que o termo pornografia trata de assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo. Há uma grande diferença entre um termo e outro. Então perguntaria: o que é um texto erótico? A resposta, por certo, dependeria da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escrito e ainda das características da cultura em que esse foi elaborado. Octavio Paz (in: Durigan, 1985) assim se expressa acerca do erotismo *“nada mais natural que o desejo sexual; nada menos natural que as formas em que se manifesta e se satisfaz. Na linguagem e na vida erótica de todos os dias os participantes imitam os rugidos e gemidos de todas as espécies de animais. A imitação não pretende simplificar mas complicar o jogo erótico e assim acentuar seu caráter de representação.”* O erotismo não imita a sexualidade *“é sua metáfora.”* O texto erótico é, pois, a representação textual dessa metáfora.

Para Paes (1990), outro tipo de equívoco é o que confunde poesia erótica com poesia amorosa. Embora ambas tenham um tema obsessivo comum – o amor –, tratam-no de maneira tão diversa que terminam por fundar duas tradições históricas em que as divergências contam mais que as ocasionais convergências.

Da mulher, quase não se ouve a voz quando se fala em literatura erótica. O grito masculino é constante e, segundo o autor supracitado, há uma hegemonia quase total de um discurso, por assim dizer, falocêntrico, em que o eros feminino só aparece como ausência ou vazio delimitador.

Como os tempos mudam, a palavra feminina tem evoluído ao longo das gerações, expressando diferentes sociedades, diferentes costumes. Se a contenção do universo feminino foi se afrouxando, o mesmo se deu com sua escrita. Às mulheres não era dada a liberdade do escrever, de mostrar seu íntimo, de exprimir seus desejos. Aqui e ali, ouvia-se uma pequena voz e uma delas é a de Safo, na antiga Grécia, de

quem são registrados os primeiros textos eróticos da literatura feminina:

Mal te vejo, um instante que seja/ nem já sequer um som me passa pelos lábios,/ mas a minha língua se resseca/ um fogo sutil de súbito me corre sob a pele/ os meus olhos deixam de ver/ os meus ouvidos zumbem / cobre-se-me o corpo de suor/ torno-me mais verde que a erva/ e parece-me que vou morrer.

Já se percebia o desejo expresso em metáforas, em poesia, no belo. Séculos guardaram escritos das mulheres. Na Idade Média, as mulheres sofreram perseguição, morte, e poucas se aventuravam a escrever, sobretudo textos eróticos. Pouco relato há acerca do ato do escrever feminino. No período medieval e renascentista, autoras, já em línguas modernas, eram rainhas, como Marie de France (1170), Eleanor de Aquitaine (século XII), Marguerite de Navarre (1492-1549), Elizabeth I da Inglaterra e Cristina da Suécia, que fundou academias literárias em seu exílio na Itália (LERNER, 1993). Eram mulheres privilegiadas, que tiveram educação esmerada e que se dedicaram à literatura – o que não ocorria com a maioria das freiras, analfabetas, da Idade Média.

Já no século passado, muitas escritoras, na Europa, puderam mostrar seus textos sem que chocassem os costumes. Dentre elas, vale mencionar Lou Andréas Salomé, nascida na Rússia, autora de vários livros (romances e ensaios) e uma das colaboradoras de Freud. Amor de Rilke e de Nietzsche (este último, nela se inspirou para escrever “Zaratustra”), Lou foi exemplo de feminismo e de vanguarda na Europa.

Ao longo dos anos, muitos escritores homens se tornaram célebres, conhecidos e estudados por suas magníficas obras eróticas. Quer na prosa, quer na poesia, podemos apreciar descrições de belas cenas de amor. Quem de nós não se comoveu ao ler “O amante de Lady Chatterley” ou “Mulheres apaixonadas”, de D. H. Lawrence, ou “Le lys rouge”, de Anatole France? Não menos erótico foi Olavo Bilac no seu poema “A alvorada do amor”. Por que apenas a valorização da palavra masculina, o reconhecimento de sua beleza e não também a da mulher? Por que a sociedade aplaude o homem que canta o corpo da amada e censura a mulher que assim o faz? Provavelmente, por diversos motivos tais como: 1. Educação – o povo não está preparado para aceitar a sensualidade exposta da mulher. Falo da sensualidade da mulher culta, escritora; 2. Cultura – a sociedade se acostumou com um padrão comportamental feminino e é preciso tempo e trabalho para que as regras mudem,

o que somente no século passado, nos idos dos 1960, na geração pós-pílula, é que conseguimos. O que evoluiu como sociedade, como cultural, como comportamental já sofreu, ao longo desse período feminista, modificações. A geração que antes era silenciosa, depois da pílula se soltou, e mais recentemente foi preciso estabelecer regras por conta das Doenças Sexualmente Transmissíveis (as DST), e toda essa revolução dos costumes é refletida na arte (no cinema, na literatura, na pintura).

As mulheres são castradas nos seus desejos. Reprime-se sua sexualidade. Desde cedo são canalizadas para o casamento. Sempre foi mais conveniente para o casal o homem sair para trabalhar e a mulher ficar em casa. A mulher recebe dos pais, bonecas. Sua convivência caseira se passa com empregadas e mães que adoram novelas (com honrosas exceções), que, por seu turno, também foram educadas para serem donas de casa. Quase nenhum problema ela tem capacidade de resolver porque seu raciocínio foi embotado em decorrência de brincadeiras sem criatividade, repetidas e monótonas. Ao homem, oferecemos carro, máquinas. Às mulheres, flores e casinha (STUDART, 1994). Os grandes ministros são homens, os padres são homens, os grandes cientistas são homens, os grandes escritores são homens, o presidente é um homem (exceções à regra podem ser apreciadas e louvadas, como a recente eleição de uma mulher para presidência do Chile, Michelle Bachelet, e para Primeira Ministra da Alemanha, Angela Merkel).

Mudanças sociais acontecem. Foram-se os tempos em que as esposas castas deveriam, no máximo, consentir em serem penetradas, transformadas em oficinas de fazer filhos.

Os costumes mudaram desde a conquista do voto pela mulher, do desvencilhamento das anáguas, dos espartilhos. Finalmente veio a profissionalização, esta que foi a maior vitória da mulher. O ingresso nas universidades, a luta pelo pão, a cooperação nas despesas da casa foram trunfos paulatinamente alcançados pela mulher.

Ainda se observa uma certa resistência por parte de alguns machistas conservadores, pois, afinal, não é fácil, para o homem, dividir com a mulher seu *status* de “dono do terreno”. No entanto, o mais difícil aconteceu: a feminilidade está se comportando muito bem com o profissionalismo. A mulher, sem perder sua sensibilidade, conquista dia a dia mais espaço.

Florbela Espanca, jovem poeta do século XX, foi o símbolo do erotismo em Portugal, apesar de ter pertencido mais ao neo-romantismo na Europa. Dona de uma riqueza de sentimentos tal, que a levaram a um desfecho trágico, escreveu:

Ser poeta

*Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!*

*É ter de mil desejos o esplendor
e não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
é ter garras e asas de condor!*

*É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de ouro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!*

*E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma, e sangue, e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente! (in: BESSA, Luís, 1984).*

Em Portugal existe, hoje, uma poetisa chamada Ana Vidal, que a crítica precisa descobrir. Suas poesias são obras de arte. Se não, vejamos:

Eternos rituais

Percorro palmo a palmo o teu desejo
E palmo a palmo sinto-me vibrar
primeiro, na lenta perfeição de um beijo
que nos acende o corpo devagar
tão devagar que sinto, mais que vejo
morrer na minha pele o teu olhar...

Depois, nas mãos que inventam sabiamente
novos desenhos, esboços delirantes
perdidos tempo e espaço, de repente
Partimos à deriva, viajantes
somos cinco sentidos, simplesmente
por novas dimensões alucinantes.

E assim, de sal e mel embriagados
cumprimos os eternos rituais
e ao som de coros loucos, inspirados
dançamos com o vento nos trigais
entre a terra e o céu entrelaçados
senhores do universo uma vez mais.

*Por fim, quando o desejo é já cansaço
e voltamos a nós, devagarinho
ancoramos na calma de um abraço
feito de gratidão e de carinho.
Mas é prazer ainda quando passo
a mão no teu cabelo em desalinho* (in: VIDAL, 2005).

Na França, Françoise Sagan nos delicia com “Um certo sorriso”, “Bom dia tristeza” (este último, escrito em apenas sete semanas, vendeu, só nos EUA, hum milhão de cópias) e “Aimez - vous Brahms?”. Sagan escreveu cerca de 50 livros e morreu solitária e pobre depois que seus protetores, Sartre, Mitterrand e Orson Welles, já haviam falecido. Eis um trecho de “Bom dia tristeza”:

Voltei para casa para jantar, absorvida a pensar nele, e não participei, ou quase nada, da conversa, mal notei o nervosismo de papai. Depois do jantar, estiramo-nos nas cadeiras do terraço, como todas as noites. O céu estava salpicado de estrelas. Olhava-as, desejando vagamente que ali estivessem há muito tempo e comesçassem a sulcar o céu com suas quedas. Mas era apenas o começo de julho, elas não se mexiam. Nos canteiros do terraço, as cigarras cantavam. Deviam ser milhares, embriagadas de calor e de luz, a lançar assim esse grito estranho durante noites inteiras. Tinham-me explicado que elas apenas esfregavam um contra o outro os seus élitros, mas eu preferia acreditar que era um canto de garganta, gutural, instintivo como o dos gatos no cio. (SAGAN, 1954).

Marguerite Duras, também francesa, nos encanta com “O amante”, filmado em Hong Kong. Lindo dela também é “O Deslumbramento”, traduzido por Ana Maria Falcão.

Quem é apreciador de leitura erótica não pode deixar de ler Anais Nin, também da França. Escritora do século passado, Anais Nin (nascida a 21 de fevereiro de 1903, Neuilly, perto de Paris, morreu em 14 de janeiro de 1977, em Los Angeles) foi uma autora que se tornou famosa pela publicação de diários pessoais, que se prolongam por um período de quarenta anos, começando quando tinha doze anos. Foi amante de Henry Miller e só permitiu que seus diários fossem publicados após a morte de seu companheiro.

Segundo Nin (1987), “*as pessoas escrevem para criar um mundo no qual possam viver e também para aprofundar o nosso conhecimento da vida. Para atrair, encantar e consolar. Para acalantar nossos amantes, para degustar em dobro a vida: no momento preciso e retrospectivamente sua lembrança. Escrevemos, como Proust, para tornar as coisas eternas e para nos convencermos de que elas o são. Para transcendermos nossa vida e alcançarmos o que existe além dela. Escrevemos para aprender a falar com os outros, para testemunhar nossa viagem no labirinto. Para abrir, expandir nosso mundo quando nos sentimos sufocados, oprimidos ou abandonados. Escrevemos como os pássaros cantam, como os primitivos dançam seus rituais. Se você não respira quando escreve, não grita, não canta, então não escreva porque sua literatura será inútil. Quando não escrevo meu universo se reduz; sinto-me numa prisão. Perco minha chama, minhas cores. Escrever deve ser uma necessidade, como o mar precisa das tempestades – é a isto que eu chamo respirar.*”

Gilka Machado, a pioneira do erotismo no Brasil, nos anos 1920 do século passado, foi acusada de libertina pelos críticos literários da época e perdeu seu emprego de professora, além de sofrer o desprezo da sociedade, quando publicou “Mulher nua” e “Meu glorioso Pecado”.

Trechos de poesias de Gilka:

*Tem teu mórbido olhar
penetrações supremas
e sinto, por senti-lo, tal prazer,
há nos meus poros tal palpitação,*

*que me vem a ilusão
de que se vai abrir
todo meu corpo
em poemas (MACHADO, 1928).*

Nélida Pinõn tem uma escrita sensualmente linda quando diz, na “Casa da Paixão”: *“Imaginava um homem auscultando o seu corpo. Primeiro com a boca, seus outros instrumentos haveriam de trabalhar com a precisão da agulha injetando alento nas artérias. Não o queria ainda, antes devia selecioná-lo livre, também ela que se alimentava da agonia de sua raça”* (PINON, 1977).

Não menos erótica se mostrou Clarice Lispector em “Uma Aprendizagem ou “O Livro dos Prazeres”, “A Maçã no Escuro” e em “A Via Crucis do Corpo”.

Um trecho de “Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres”:

“- Lór, disse Ulisses, e de repente pareceu grave embora falasse tranqüilo, Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso “ (LISPECTOR, 1993).

Na poesia erótica, merece destaque Adélia Prado, mineira de Divinópolis, casada, mãe de cinco filhos e que compõe versos do gênero:

A maçã no escuro

*...Até hoje sei quem me pensa
com pensamento de homem:
a parte que em mim não pensa e vai da cintura aos pés
reage em vagas excêntricas,
vagas de doce quentura
de um vulcão que fosse ameno,
me põe inocente e ofertada,
madura pra olfato e dentes
em carne de amor, a fruta (PRADO, 1991).*

De Bruna Lombardi, atriz, bonita e inteligente, binômio imperdoável aos machistas, vale citar:

Que me venha esse homem

*Que me venha esse homem
depois de alguma chuva
que me prenda de tarde
em sua teia de veludo
que me fira com os olhos
e me penetre em tudo.*

*Que me venha esse homem
de músculos exatos
com um desejo agreste
com um cheiro de mato
que me prenda de noite
em sua rede de braços
que me perca em seus fios
de algas e sargaços.
Que me venha com força
com gosto de desbravar
que me faça de mata
pra percorrer devagar
que me faça de rio
pra se deixar naufragar .*

*Que me salve esse homem
com sua febre de fogo
que me prenda no espaço
de seu passo mais louco (LOMBARDI, 2006).*

Renata Palotinni, Olga Savary e Hilda Hilst são poetisas lembradas na moderna literatura erótica feminina. Um exemplo de Olga está no poema:

Ciquieçáua²¹⁰

*Que não se pergunte nada.
Amor tem é de ser tomado,
esgotada a boca no beijo
até à exaustão, na boca
palavras salsugem-mel
obscenas e violentas.
Que se acariciem e que se batam
os que se matam de vida
morrendo da mesma morte
(pequena morte, como é chamada).
Tenho mais o que fazer, diria.
Mas dito isto eu não pensava
que o amor tivesse atingido tanto:*

Enterrem meu coração na curva do cio (SAVARY, 2001) .

De Pernambuco, gostaria de citar Lourdes Sarmiento (nossa conhecida do Ceará e organizadora de inúmeras antologias) e Teresa Tenório. De Lourdes é o poema:

El perfume

*Mi poema abdica
su ardor
quiero llegar a mi puerta
com la llave de plata
oír los pasos
de quien me espera
dejar que el agua moje
mi cuerpo
el perfume em las sábanas
la rosa blanca bajo el rocío
y tu cuerpo moreno
arder
serás tú mi poema (SARMENTO, 2005).*

210 Do tupi, vida.

O Ceará abriga escritoras do melhor quilate. Muitas delas já não moram conosco, caso de Heloneida Studart, há muito no Rio, e de Joyce Cavalcanti, residente em São Paulo. Daquela, livros eróticos como “O pardal é um pássaro azul” e “Deus não paga em dólar”. Da segunda, citaria um conto que pode ser lido no *Jornal de Poesias*:

Fantasia assinada

O corpo dele se avolumava também me querendo, fazendo de seu macacão uma tenda armada, assim como o meu o queria, regando-se. Mas graças à diferença eu estava absolutamente confiante que ele não sabia do que acontecia em mim, pois meu corpo não se denunciava como o dele, assim. Maliciosa, ria do que nele se passava, e ele não podia se rir igualmente de mim por ser masculino, expressionista.

Na literatura de Fortaleza, vale destacar Marly Vasconcelos, uma das grandes escritoras e poetisas da Academia Cearense de Letras e de quem transcrevemos o texto a seguir, pertencente ao seu belíssimo romance: “Coração de areia”, Menção Honrosa Prêmio Graciliano Ramos em 1989.

Não consigo recordar o momento em que renegando o bom senso, reconhecemos que nossos olhos criavam raízes e permitimos que a atração banhasse nossos corpos como chuva fina. Que importância podem ter os outros, quando o cântico reaparece enterrando velhos mandamentos, somos apenas um homem e uma mulher?

Ruídos, portas que se fecham, silêncios, palavras, mortes e vinganças precedem a palma da mão que desliza em meu rosto, contorna a nuca. Entre beijos, alaridos, atravesso rajadas de vento e saltando barreiras, águas represadas, afundo navios, enquanto lavras brotam. Fera dourada. Porto, planície, pasto.

Penumbras generosas. Despojado do invólucro, ele exala um cheiro de terra e afrontando proibições, toco com as unhas seu estômago numa carícia lenta. Nossos movimentos alongam-se calmos, brandos, impelidos pela meiguice, mas uma sede insubmissa alastra-se, um ardor que despedaça a contenção da porcelana. Elettrizados, coruscantes, nossos dedos entrançam-se e o frio e o calor, o calor e o frio arranham, intensificam audácias.

No solo latejam ervas, arrozais. Suores escorrem, marcam. E embora saibamos que logo sobrevirá o naufrágio, dilaceramos uma a uma as letras dos nossos nomes.

De longe, a sombra da casa-grande magoa o abraço (VASCONCELOS, 1992).

Na poesia, menção deve ser feita a Giselda Medeiros (1996), a princesa das poetisas cearenses e também contista, membro da Academia Cearense de Letras:

Navegação
Ofereço-te o lago.
*Basta que tragas o mastro
para o assentamento da posse.
Desbravador,
saberás como encontrar
o caminho das auroras,
o pélago dos sonhos adormecidos,
o habitat da lua,
o indevassável leito das estrelas.
Navega a fundo.
O lago te pertence. (MEDEIROS, 1996).*

Neide Azevedo é outra de nossas poetisas eróticas. Foi presidente da Academia da Língua Portuguesa. Dela eu indicaria o poema:

Finda novembro
*Como tudo finda.
A não ser por aquele derradeiro dia.
Finda novembro
Como tudo finda.
A não ser por aquele amor que ressurgia.
O mês, a desvair-se, deixa a porta aberta.
Despe a mulher
Que adormecida, lânguida,
E de saudades plena,
Entrega-se em total
E afoita demasia.
O homem Eros, extasiando morre,
E beija, afaga, toca, e acaricia.
O homem Eros, de desejos grita,
E explode, pede, invade, e não sacia (AZEVEDO, 2001).*

De Maria Luísa Bomfim, poetisa com livro recém-publicado, citaria:

Confissão

O brilho dos teus olhos nos meus,
é luz que ilumina
caminhos desconhecidos
de minha vida.

*Teus braços em meus braços,
são apaixonados abraços.*

*Teus beijos falam de amor
em minha boca.*

*Tua voz em meus ouvidos
aguça-me os sentidos.*

*Sou mulher-menina em tuas mãos,
é teu
meu coração (BOMFIM, 2004).*

Para encerrar, gostaria de transcrever um conto de nossa autoria, chamado **Bicho-homem**, e que figura no livro **As leves e duras quedas do amor**.

Olhe eu não dei conta da loucura que ele fez comigo. Você já viu um bicho? Um pavão? Um peixe de escama coloridas? Pois o bicho me arrastou no chão. Virava os olhos, me lambia toda, me chupava os peitos, me mordida as coxas, mudava de cor. Era leão, pássaro, mágico. Me fez ver o arco-íris num quarto fechado. Me fez ser lago, rio, mar. Me fez ser trem. Sim, ser trem. Eu apitava, meu grito era um apito de trem, eu viajava, via campo, flor, mato. Senti cheiro de capim, de mato quebrado. Virei navio, barco, balançava, fiquei tonta, bêbada. Quem me visse pensava que eu havia tomado vinho. Um copo, uma garrafa. Gritei, urrei, ele me agarrava a nuca, metia a língua no meu ouvido, me chupava um a um os dedos das mãos, os olhos, pedia para eu não gritar e eu nem atendia. Eu queria mais. Não. Não, não queria. Tremia que nem vara verde, senti dor de barriga, frio na espinha. Você já viu um bicho homem? Uma cobra armando o bote, o olhar hipnotizante dela? Um pavão abrindo o leque para a fêmea cheio de cores, arco-íris? Eu não dei conta do ataque dele, dos beijos apertados, da língua afiada, das mordidas nas minhas coxas, dos meus dentes batendo nos dele, dos beliscões que sangravam, do meu corpo arrastado, dos meus cabelos puxados, da cachoeira que se derramou em mim, do gosto de floresta

que inundou o quarto, dos meus dedos agarrados aos dele, da secura da minha boca. Desde aquele dia em que entrei em sua sala e ele levou um susto danado quando agressivamente lhe falei: - Olhe não agüento mais. Não durmo, não como, só penso em fazer amor com você. A cara de espanto dele, o olhar que me devolveu. Confesso: a princípio fiquei com medo, quando me olhou com aqueles olhos de bicho. E foi um leão que fez amor comigo. Um bicho homem: tigre, cavalo, pavão, sei lá o quê. Olhe, não agüento mais. Vou lá de novo. Não durmo, não como. Vivo nos corredores, espreitando-o. Não o vejo. Que faço? Teria sido um sonho? Um pesadelo? Não sei. Só sei que o quero. Vou ser bicho também. Vou ser cobra me enrosco na perna dele, dou um bote, boto veneno em sua boca, enfeitiço-o. Trago-o para mim. Quero meu bicho homem de volta. (LIMAVERDE, 1992).

É certo que a mulher já penetrou na literatura, mas ainda está longe de ter expulsado as heroínas de estrutura moral pertencentes aos tempos passados. A mulher evoluiu, conquistou espaço na sociedade, tem luz e grito, expressa o amor de forma lírica e/ou erótica, e apesar da sociedade ainda sufocar sua literatura, ela se ergue forte, firme, imbatível como uma lança numa batalha. Seu grito há de se tornar ainda mais veemente. Segundo Alexandra Kollontai (1918), “*ao arrancar do lar, do berço, milhares de mulheres, o capitalismo converte essas mulheres submissas e passivas, escravas obedientes dos maridos, num exército que luta pelos seus próprios direitos e pelos direitos e interesses da comunidade humana. Desperta o espírito do protesto e educa a vontade. Tudo isto contribui para que se desenvolva e fortaleça a individualidade da mulher.*”

BIBLIOGRAFIA

BOMFIM, M. L. Poeira de estrelas. Fortaleza: RBS Gráfica e Ed. Ltda., 2005, 103p.

CAVALCANTI, J. Jornal de poesias. Disponível em: www.revista.agulha.nom.br/poesia.html. Acesso 11/11/2006.

DURIGAN, J. A. Erotismo e literatura. S. Paulo: Ed. Ática, , 1985, 96p.
ESPANCA, F. Disponível em http://www.vidastusofonas.pt/florbela_spanca.htm. Acesso em 10/09/2006.

KOLLONTAI, A. A nova mulher e a moral sexual. S. Paulo: Global Ed. e distrib. LTDA., 1978, p. 61-98.

LERNER, G. The creation of feminist consciousness from the middle ages to eighteen-seventy. Oxford: Oxford University Press, 1993, 395p.

LIMAVERDE, R. As leves e duras quedas do amor. Rio de Janeiro: Ed. Blocos, 1992, p. 11.

LISPECTOR, C. Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1993, p. 33.

LOMBARDI, B. Disponível em: www.geocities.com/brunissima/que_me_venha.html. Acesso em 11/11/2006.

LOPES, N. A. O resvalar do sonho. Fortaleza: Multigraf Ed., 2001, p. 81.

MACHADO, G. Jornal de poesias. Disponível em: www.revista.agulha.nom.br/poesia.html.

MEDEIROS, G. Cantos circunstanciais. Fortaleza: Multigraf Ed., 1996, p. 83.

NIN, A. Em busca de um homem sensível. Brasília: Ed. Brasiliense, 1987, 160p.

PAES, J. P. Poesia erótica. S.Paulo: Ed. Schwarcz Ltda., 1990 p. 14.

PIÑÓN, N. A casa da paixão, 1977. Disponível em: http://www.releituras.com/npinon_menu.asp. Acesso 11/11/2006.

PRADO, A. Poesia reunida. S. Paulo: Ed. Siciliano, 1991, p. 182.

SAGAN, F. Bom dia tristeza. Disponível em: www.geocities.com/releituras/SAGAN.html. Acesso 11/11/2006.

SARMENTO, L. Rituales del deseo. Buenos Aires: Ed. Francachela, 2005, p.71.

SAVARY, O. Berço esplêndido. Rio de Janeiro: Ed. Palavra & Imagem, 2001, p. 70.

STUDART, H. Mulher objeto de cama e mesa. Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda. 1974, 53p.

VASCONCELOS, M. Coração de areia. Brasília: Ed. do Senado, 1992, p. 75-76.

VIDAL, A. Seda e aço. DG Ed. Lisboa, 2005, p. 41.